



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII—N.º 420—Preço 1\$00
16 DE ABRIL DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FACETAS

Vilariño, 20/8/1924

S.,

Recebi a sua cartinha e uma oficial da casa, avisando de um depósito que vem a ser o saldo de contas. Eu antes queria que isto fosse

eito particularmente, sem carta oficial nem conhecimento de ninguém. O cheque não o mando porque o inutilizei, na ocasião em que fiz o mesmo a outros papeis antes de dar o passo decisivo. De resto, não sei para que o mandou, pois já tinha o exemplo da letra. Afinal o cheque que passei não aparece aí durante um ano, porque hei-de ser eu próprio

DE UMA VIDA

a comprar os objectos para o que então lhe disse e só posso sair do Noviciado no fim de 365 dias precisos, por isso veja se se lembra de pôr a prazo tudo quanto aí tenho. O nosso Padre Provincial prefere que eu compre tudo à minha vontade.

Nota pelas quatro letras que envia dentro da carta oficial que a minha última o chocou e que o desgosta a minha resolução de não voltar atrás nos meus intentos. Pelo que observo, você cuida que esta vida é intolerável e que só a seguem os que no mundo não podem viver, perseguidos pelas marteladas da dor, da miséria e do infortúnio. Verdadeira ilusão, meu caro S.!! Digo-lho com a mais veemente convicção de que se tivesse sido V. o causador do meu passo, esta razão havia de ser causa de agradecimento e não de desdém. Confesso-lhe isto, porque me parece senti-lo um tanto preocupado a este respeito. Descanse pois e não carregue a sua delicada consciência com escrúpulos desnecessários.

Evidentemente que lutei imenso, durante os primeiros 6 meses de reclusão voluntária; evidentemente que a transição brusca de modo de viver se fez sentir por todas as maneiras, mas actualmente vivo em paz e sossego de espírito como V. não pode compreender nem sabe conceber. A paz dos conventos não é a paz do mundo. Por isso o mundo não a compreende nem a tolera. As sociedades religiosas são as únicas que sabem praticar uma vida simples e pura e passá-la aos seus sucessores em toda a sua integridade. As sociedades religiosas são as únicas que praticam a igualdade e fraternidade. A miséria dos pobres do mundo não os desespera com o ser miséria, mas sim por verem e sentirem a fatura dos vizinhos e é isto que faz dos necessitados verdadeiros miseráveis e muitas vezes se revoltam. Há ocasiões em que nos servem no refeitório pratos de tal aparência e qualidade que noutros tempos os rejeitaria imediatamente. Pois aqui nem reparo, porque todos comem do mesmo, a começar pelo Provincial, autoridade suprema. Guardo todas estas impressões para lhe comunicar quando cá vier. Tenho muito que lhe dizer.

Por agora não convém que me escreva muito para me não distrair. Diga-me sempre de si e dos seus e nunca esqueça o seu muito amigo,

Fr. AMERICO



Esta carta toca o mistério da vocação; aquele ponto que mais surpreende e escandaliza os homens mergulhados no mundo e no que ele tem para dar.

«Você cuida que esta vida é intolerável e que só a seguem os que no mundo não podem viver, perseguidos pelas marteladas da dor, da miséria e do infortúnio»... E afinal... esta vida é apaixonante para aqueles que, podendo viver no mundo uma vida feliz ao teor do mundo, são tocados «pelas marteladas da dor, da miséria, do infortúnio» que afligem tantos homens nossos irmãos. E' o infinito amor de Deus transplantado finitamente para o coração de um homem, a quem não basta o amor que sacia o comum dos homens. E' um coração dilatado a dimensões universais; feito centelha da fecundidade que irradia do coração infinitamente misericordioso de Jesus.

«Verdadeira ilusão, meu caro S.!!»

Quantos iludidos que se assombram, sim — e não ajoelham diante do mistério!

Tribuna de Coimbra



RAM horas de ceia quando bati à porta. A custo a veio abrir. Quando me viu, houve um sorriso, embora a tristeza estivesse lá dentro. Convidou-me a entrar, mas não o fiz, pois tinha os rastos de lama, que a chuva naquele dia tinha sido abundante.

À volta estavam quatro filhinhos, olhos encovados, cabelos por cima das orelhas, fome estampada na cara. Dentro do seio o quinto filho espera a hora de aparecer ao mundo.

Ao ver assim a casa tão despida, o lume apagado, braços caídos, a olhar-me perguntei:—Então não está a fazer a ceia? O é que vão comer?

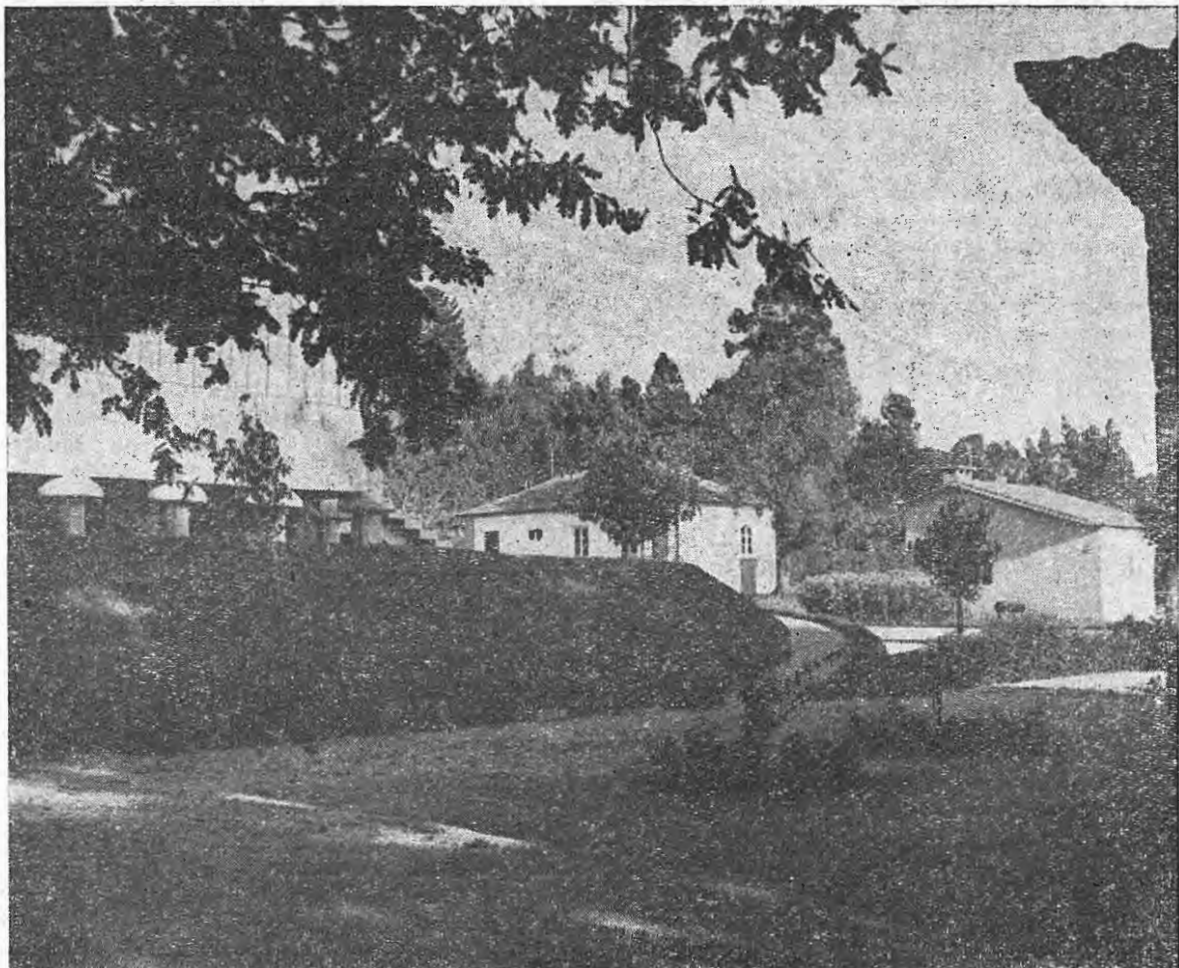
A mãe olha para os filhos, olha para mim e, com os olhos ramos de lágrimas, responde-me: Olhe, Snr. P.e, não tenho nadinha em casa; o meu homem trabalha nas obras mas já há muitos dias que não faz nada. Hoje partiu de manhã e não levou nadinha de comer. E ficou-se a soluçar.

Dois dias antes aqueles pais tinham recebido uma casa do Património dos Pobres. Mas só a casa não resolveu o problema. Sai triste como a noite cá fora e no dia seguinte fui queixar-me. Fui pedir comer para a família e trabalho para o chefe e mobília para a casa. Tome já para matar a fome a essa gente. Amanhã compre o indispensável para a casa e o homem que venha por

aqui e nós vamos fazer o que pudermos. Muito obrigado, meu amigo. Foi naquele dia um cironeu.

Ontem à noite, quando subia a encosta, veio ao meu encontro. Continua na página quatro

██
A canção da verdura! O sofrimento dos doentes! Coração dum Obra que aqui tem um viveiro de graças. Eis o Calvário — elo que liga Deus aos homens!



Festas!



ANTES; durante elas; e depois—nunca se atingira tão alta temperatura affectiva!

No Porto era a fome de um manjar de que o hábito fazia sentir mais a falta. Em Coimbra, Lisboa e Palmela, foi a expectativa só agora satisfeita, de um contacto há muito desejado.

Nas quatro terras a lotação esgotou. No Porto foi na 2.^a feira antes do espectáculo, o que deu origem a muitos pesares entre os que chegaram à bilheteira tarde demais.

Um pormenor anedótico: Tinham batido já as onze horas da noite, essa 2.^a feira. Padre Manuel preparava-se para dormir, quando lhe entra quarto adentro o *Tira-Olhos*.

—Estão ali dois senhores que lhe queriam falar.

—A esta hora?...

Mas os senhores não deram tempo e entraram atrás dele.

—Vimos de Aveiro, de propósito. Chegámos ao Coliseu e lotação esgotada. Tenham paciência, mas têm de nos arranjar bilhetes.

E Padre Manuel viu-se em dificuldades para despachar de mãos vazias aqueles dois senhores, tão tristes, naquela hora, porque tão amigos.

Outro manda este postal:

«Veja lá! Se me não pode acudir—e de certo não pode— não fruirei este ano, no próximo dia 24, o espectáculo original do Coliseu.

Que dissabor! Fui hoje, quase de propósito, em todo o caso, primacialmente, ao Porto para me munir de bilhete no «Espelho da Moda».

—Desde ontem que se esgotou a casa, disseram-me. Nunca pensei que a vossa propaganda (este ano excedeu as marcas), e a ânsia do público, 4 dias antes conseguissem isto.

Não me arranja lá um can-

tinho, seja onde fôr? Mesmo de pé!

Se conseguir, as Benditas Almas lhe abram o Céu, logo no dia da chamada».

No Espelho da Moda foi um corropio de telefonemas e de ais «que pena!» depois que a lotação esgotou. Houve mesmo quem pedisse repetição do espectáculo...

Mas entre todas as notas de carinho, há esta, muito alta, da pequenina Maria Manuela. É pena que a minguia de espaço não permita que a carta vá toda em gravura, mas o princípio vai para que todos experimentem da incipiência da escrevente todo o sabor de ternura e ingenuidade.

comodar, mas gostava de ver os «batatas», aos quais mando muitos beijinhos e também peço que me abençoe.

P. S. — Esta é a primeira carta que en escrevo.

Maria Manuela».

Outros não puderam ir. Distâncias, doenças, idade avançada... Mas estiveram presentes em espírito e até pelo seu óbulo. Tenho uma carta debaixo dos meus olhos. E no palco do Coliseu, quando na tarde da Festa, preparávamos a cena, um velho apaixonado, a quem a saúde não permite sair à noite, vinha trazer a sua presença nas capas, que ele desejava fosse a primeira. E foi! Foi a primeira no tempo e na importância: 10 contos, muito escondidos num sobrescrito fechado.

Nas vésperas, outra carta:

«Esta tem dois pedidos a fazer-lhe:

1.^o — Uma Avé-Maria rezada com muito fervor por um ente querido que vai ser operado na próxima quinta feira. E por esse motivo não posso estar presente no Coliseu, mas desde que tudo corra bem no Hospital, eu estarei em espírito junto de todos vós. Meu marido vai. Já lhe pedi para que estivesse com atenção a tudo para depois me contar.

2.^o — Que não falem no palco os Padres da Rua, porque creia que a vossa presença é indispensável. No passado ano ficámos desconsolados pela sua ausência. Creia que é a vontade de todos.

E também as capas na saída de todas as portas...

Zé ninguém».

E não podemos multiplicar mais os testemunhos. Estes dão o tom que ia nos corações amigos antes da Festa.

Lá, foi o que todos nós vimos e sentimos e aqui damos a saber aos que não estiveram por meio destas explosões!

«Não escrevo esta carta com o meu sangue, mas ela é escrita com a minha alma.

Sou um assinante de «O Gaíto» e, portanto, não poderia faltar ao «Império», em Lisboa. Para além do espectáculo de arte, que também o foi, pois os rapazes evidenciaram um forte poder histriónico, eu vi sempre desenhar-se a figura grandiloqua de Pai Américo. Quando os «batatinhas» entraram em cena senti um estremecimento tão forte, que as lágrimas rolaram-me pelo rosto, teimosas e persistentemente. Estava ali — patente aos olhos de todos — a inocente infância, desenterrada pela obra desse homem, cuja vida foi total abnegação e apostolado.

Cego do olho direito, já tive delicadas intervenções cirúrgicas a ambas as vistas, mas, os meus

olhos..., naquele momento, só pensavam e só viam o saudoso Padre Américo. Aquela reunião no cinema Império era, na realidade, uma verdadeira assembleia litúrgica. Senti-me sempre emocionado; os médicos proibiram-me, mas não estava mais na minha mão.

À porta, lá estava a capa—o manto da caridade — e deitei o óbulo, com a mesma necessidade de quem respira o ar puro. Não fui mesquinho, esforcei-me, dei-me todo, mas, ainda aí, não tive qualquer mérito, pois fostes vós que me despertastes, com a magnífica alocução proferida no final desta tarde inesquecível. Agora, a razão desta carta é que me ditava o coração antes de me entrar no «Império». Ao adquirir o bilhete, decidi enviar-vos estes magros vinte escudos. O bilhete era barato, atendendo à grandeza moral do espectáculo, por isso este acto é independente do primeiro. Este acto é fruto da generosidade de Deus sobre o meu cérebro e o meu coração.

Bem hajam todos os sucessores do Padre Américo.

Um filho dos homens e de Deus».

A nossa Festa!

Eu estremei antes e estremeço ainda ao pensar na Festa do

ano próximo. Que de trabalhos! Que de desorganização! Que de canseiras! Mas não podemos faltar. Seria uma traição se faltássemos. É falta de simplicidade estremecer diante da organização de um programa. A nossa Festa não é um espectáculo, é uma reunião de Família onde a fraternidade se respira. Como poucas vezes acontece, quando grandes multidões se juntam por um motivo superior. Nem a febre do futebol, nem o delírio envenenado em volta de vedetas que são *anti-valores*. (Tanto mais *anti-valores* quanto mais os homens os medem, ou as medem, pelas divisas que trazem ao erário.)

A coesão das almas que a nossa Festa opera exprime-se em lágrimas e nós vimos-las nos olhos do Povo (homens e mulheres de todas as condições sociais) sem pressa de partir para o seu descanso, na ânsia enamorada de prolongar ainda um bocadinho mais aquele encontro.

Bendito seja Deus, pelas compensações que, sem merecermos, nos reserva.

Aquela manhã da 1.^a sexta-feira de Abril, em Setúbal, na hora do Altar, eu convidei todos os nossos rapazes ali presentes a louvarem a Deus, agradecendo-Lhe, por todos nós, e vós, a imensidão dos seus benefícios.

Auto-construção

Como regra, para o homem só vale o que lhe custa. Em muitos lugares conta-se a história que, se não foi, poderia ter sido verdadeira. A casa dum senhor abastado iam indivíduos a oferecerem propriedades que queriam vender. O proprietário experiente, vinha à porta e perguntava: A terra que quer vender foi comprada ou herdada? Se respondiam que tinha sido herdada, mandava-os entrar. Se, ao contrário, as propriedades tivessem sido por eles compradas, então mandava-os embora, pois, dizia, não valia a pena gastar tempo. Quem entrar nas equipas de auto-construtores tem de ter ou de arranjar espírito de sacrifício. Tem de saber poupar o seu tempo e tem de saber poupar o seu dinheiro.

Ocupemo-nos hoje deste primeiro aspecto da formação do rapaz em ordem à auto-construção. O tempo é a grande riqueza que Deus nos dá. Com esta moeda outras se compram; sem ela nada se consegue. Os santos e os sábios preocuparam-se a valer com o uso do tempo. O homem bem formado não deve roubar tempo a ninguém nem, do mesmo modo, deve consentir que lhe roubem o seu. A perda do tempo é irremediável. O exame de consciência também deveria incluir todos, todos os dias esta pergunta: Como empreguei eu o meu tempo? Faz muita pena ouvir a expressão: Estou aqui a matar o tempo. Quem mata o tempo, mata os outros e mata-se a si mesmo. Mata os outros, porque não dá à sociedade o que deve e que esta tinha o direito de esperar; mata-se a si mesmo, porque não se realiza como era seu dever. Empregar

bem o seu tempo é ainda o principal meio natural de não ser vicioso. A água parada apodrece em toda a parte. Os grandes criminosos estudaram na escola da ociosidade. A Providência dá-nos determinado tempo para fazermos alguma coisa que valha a pena, que não nos deixe as mãos vazias, que seja um contributo real, positivo, concreto para a vida. Deus fez de nós colaboradores e não apenas consumidores. Muitas vezes se pergunta: Porquê tantos cataclismos, terremotos, incêndios, inundações, casas que desabam, árvores que secam, brras que se estragam, géneros que apodrecem, sementeiras que quase não produzem? Acaba de se fazer uma casa e já precisa de reparações! A terra tem de se adubar todos os anos! Os animais envelhecem num instante! Os navios de ontem já hoje estão na sucata! As estradas nunca estão compostas! Sim tudo isto é verdade e tudo isso, vistas bem as coisas, pode considerar-se uma graça para que o homem tenha em que ocupar utilmente o seu tempo e tenha a grande alegria de se poder julgar colaborador de Deus. Auto-Construção, quer fazer dos auto-construtores rapazes que tenham sempre que fazer e vão para o trabalho a cantar.

x x x

De Viseu, dum comerciante da Rua Direita, 50\$00; das Avenidas Novas de Lisboa, 50\$00; um distinto coronel do nosso exército enviou-nos 150\$00 para gastarmos como muito melhor entendessemos; uma criada de servir de Lisboa 50\$; uma viúva emigrante no Brasil, sufragando a alma do seu marido 100\$; um funcionário público

Mr. Padre Carlos

Eu chamo-me Maria Manuela tenho 6 anos. Vivo com os meus pais e meu Avô que tem já 85 anos.

Todos gostam muito de ler o Gaíto. Creio também já o lerá. Gostava muito de ir à Festa do Coliseu mas dizem que não deixam entrar crianças.

«Eu disse à minha Mãe que ia escrever ao Senhor Padre Carlos para ver se o Senhor Padre conseguia entrada para as crianças da minha idade.

Se não puder entrar, os meus pais não vão porque eu não tenho com quem ficar, e temos muita pena.

Pedia ao Senhor Padre o favor de responder à minha cartinha, para o meu pai saber se há-de comprar os bilhetes ou não.

Peço muita desculpa de o in-



Belém

«Tudo o que pedirdes ao Pai em meu Nome Ele vo-lo dá».

É preciso ter fé para esperar confiadamente, no dia a dia, a realização desta promessa de Jesus. Só a dúvida fará recolher a mão dadivosa do Senhor.

Mas não basta ter fé. Esta sem obras é morta! É preciso que em nossos actos e aspirações não transtornemos os planos do Criador a respeito das suas criaturas. Ele quer estabelecer o Seu Reino na Terra, para que esta possa florir e frutificar em justiça e caridade. Entrássemos nós em cheio na realização dos desígnios do Pai, à imitação do Seu Filho Jesus, e tudo o mais nos viria por acréscimo.

Cálculos e mais cálculos, prudência e mais prudência! Tantos desassossegos pelo dia de amanhã! Correm os homens em busca do bem-estar e da fortuna, sem se importarem com o semelhante atropelado e caído à beira do caminho. Tanta e tanta injustiça praticada na luta pelo direito a um lugar ao sol! A ordem dos valores é invertida! Os direitos de Deus e do próximo são calcados aos pés!

Que o tempo santo da Quaresma tenha sido para nós motivo de encontro com Aquelle que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Só Ele sabe guiar os homens de boa vontade pelos caminhos da justiça e da paz que conduzem ao Pai.

Assim unidos a Jesus e com Ele inteiramente sujeitos à vontade do Pai, poderemos pedir tudo o que quisermos, que Ele no-lo dará!

Segue a nota das presenças à Obra:

Por intermédio do Senhor Padre Carlos, donativos no valor de mil escudos.

Do anónimo de Lisboa, duas notas de 20. A Rosarinho de Lamego volta com 45 escudos. «Os sete netinhos do meu avô encarregam-me de enviar 150 escudos — Zé Paulo». Laranjas e mais laranjas por duas Marias de Besteiros. 50 pela assinante 7221 de Trancoso. Por intermédio do Senhor Padre Horácio, 300\$. De duas amigas de Besteiros 50 mais 50. Outra nota de 50 de sacerdote de Viseu. Entregues em casa 50 mais 50. Vales de 30 e de 45 de Gina Maria. Salfinhas de flanela de Lisboa. En-

de Aveiro 30\$; da América 5 dólares; um marinheiro do Afonso de Albuquerque 35\$00. Isto é muito e é muito pouco. Dois rapazes duma equipe foram a uma fábrica de madeira para comprarem uma camioneta dela. Pediram-lhe — por ser para eles — mil e trezentos escudos o metro cúbico. E era de pinho.

(Toda a correspondência deve ser dirigida para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

tregues em casa, de promessas, 50, mais 20, mais 15, mais 50, mais 30. De duas vicentinas de Lamego 50. Nota de 20 de F. C. Com os melhores desejos de muitas felicidades, 50\$. Contribuição mensal de Janeiro e Fevereiro de Maria Amélia, de Lisboa, 100\$00.

De Rosário, 50 mais um misal para a Belenita que melhor saiba acompanhar a Missa e um avental. Nota de 50 por Maria José de Coimbra, «para que Nosso Senhor nunca falte aos meus filhos e aos meus netos com a verdadeira noção da honra e da dignidade». Lambarices da Clarita para as belenitas. Três camisolas de Castelo Branco. Outra Maria Amélia de Lisboa, comparece com 50. Por intermédio do Senhor Padre José Maria, nota de 20. De Valongo, vale postal de 150. F. de Lisboa enviou 200 para o Bolo-Rei. 100 do Campo Grande.

Roupas de cama e outras de Nisa. Um saco de meadas de lã colocado no Espelho da Moda. Dois chales de Ordins cor-de-rosa, por Maria da Anunciação. Três camisolas de Coimbra. Mil em sufrágio de uma alma de Mulher, por sacerdote de Ermezinde. Vale de 75\$, por Adelaide de Castelo Branco. Nota de 20 por uma avó do Porto. Um par de sandálias brancas de Gondola (A. O. P.). Sarah, de Coimbra, voltou com oito pares de sapatilhas que bom jeito estão a fazer. Roupas usadas e capinhas de Leiria.

Nota de 20 de Maria Gabriela, de Nisa. Mais outra nota de 20 de anónima de Lisboa, que comparece todos os meses. Por intermédio do Lar do Porto, 220\$. Nota de 20 de Leiria, pedindo uma Avé-Maria. Por intermédio duma Amiga de Macieira de Sarnes 100\$ e uma cesta com louça de alumínio oferecida pelas fábricas da freguesia de Cesar. Casal de Angola enviou roupas usadas. 200\$ de Maria Cecília e seu marido como contribuição de 4 meses, até Março. Das Minas dos Diamantes, por intermédio de Família de Viseu, nota de mil. De P. M. P. de Peso da Régua, 50. Várias esmolas em casa, num total de 190\$. Mais 50 do Porto. Família de Vilar da Ordem entregou, por intermédio de Sérgio Figueira, a quantia de 200\$. Também por intermédio do nosso Pároco chegaram até Belém 250\$00.

Agora uma carta de «Alfacinha» comunicando-me que foram depositados no Montepio de Lisboa 10 contos com destino a Belém. E a última dum José estudante que há um ano em dia de S. José, fez o propósito de se lembrar sempre de nós no dia da festa do Santo do seu nome, pela oração e pela esmola.

Que Deus o ajude, assim como os mais que não esquecem Belém.

Inês — Belém — Viseu

Da que nós necessitamos

Foi agora mesmo. Acabo de sair do escritório de Pai Américo com dois embrulhos de roupas de bebé mais estes dizeres: «Li no «Gaiato» que há futuras mães vossas protegidas que necessitam de pecinhas de roupa para bebé. Lembrei-me imediatamente de mandar meia dúzia delas. Tudo ou quase tudo é bastante usado. Já serviram para o meu primeiro e segundo filho e peças iguais fazem parte do enxoval do meu terceiro filho que nasceu há apenas 7 dias». É de uma assinante de Moçambique. Muito jeito vieram fazer. Fernando Dias não me deixa, pois tem os seus «fregueses» no Barredo e em outras partes do Porto. Vai ficar feliz quando lhe aparecer com mais estes dois embrulhos. Só assim o Amor de Mãe será puro, pois em Deus ama os seus e reparte pelos outros.

De Barrocal do Douro 5 no-

tas de 100, «referente a um primeiro aumento de ordenado». E do Dundo «para pagar qualquer pequeno buraco» 300\$00. Ele há tantos para tapar! Do mesmo lugar, e animados pelo mesmo fogo, 1.000 Moçambicanos para o Calvário, Belém e Casa do Gaiato. Este é o momento da nossa África. Agora são «três pequenos irmãos Brigantinos» residentes em Salazar, Angola, que se vêm desobrigar com 100\$. E outros 100\$ de Figueiró dos Vinhos. Aquela senhora que nos perguntava se poderíamos celebrar todas as 1.ªs sextas-feiras por uma intenção sua, dizemos que não nos é possível, pois estes dias estão ocupados com as nossas intenções. Agradecemos o que nos mandou. Mais 50\$00 para os Pobres do Barredo. 20 de Lisboa, 20 de uma admiradora da Obra da Rua, 100\$ de Maria e Manuel e mais duas de 50 do Porto. Paremos só um ins-

tante: «Como a invernia se tem feito sentir, eu que tenho 7 anos de idade, pedi aos meus pais para mandarem aos pequenos como eu, da Casa do Gaiato, alguma coisa que os agasalhe. Meu Pai acaba de me entregar uma sentia tarifa que aqui a junto muito gostosamente». E mais um abraço. Os teus irmãos pequeninos que cá se encontram te dizem «obrigado» pela tua simpatia. Sê a chave do coração de teus Pais.

Mais 100\$ em sufrágio de uma alma. E 5 vezes mais de Moçambique. Mais 200\$ de um aumento de ordenado e mais 300\$ da mesma origem. As palavras e os sentimentos que os acompanham valem muito mais: «Infinitas graças ao Senhor pela alegria que hoje sinto por vir realizar o meu desejo enviando o aumento de ordenado do primeiro mês». Veio de Leiria.

Os 50 do costume para a renda da casa de um Pobre do Barredo. Notas de 20, 50, e 2 dólares da América do Norte. Sufragando a alma da esposa, vem o marido com 500\$ e outro tanto do Hospital Militar da Estrela. Em acção de graças pelo muito que recebeu de Pai Américo mais 500\$ «que ganho por vezes com tanto sacrifício». Os do costume da Rua da Corteira. O perseverança! 70 de uma anónima de Agualevada e do Laboratório Normal 230\$. Dentro de uma carta, 40\$ e mais nada! O confiança do Amor! Uma migalhinha de Viana amassada em tanto carinho.

O pessoal da Mobil nunca falta. Bendita presença que se nos tornou tão familiar. São 53\$50. E para o pagamento do quarto de um velhinho do Barredo os 50\$ do costume, de Lisboa e «mais 20\$00 para um singelo almoço». Uma alva e mais outra de pessoa amiga. 50\$ para o leite de um dos nossos rapazes. Mensalidades de Janeiro e Fevereiro e 100 «dum dinheiro que recebi agora e com que não contava ainda».

Da Estação de C. F. de S. Bento, 395\$ mais 200 da Beira — Moçambique. Outra presença tão simpática e que nunca falta é a «Avó de Moscavide». Os «netos» (e tantos são!) estranhariam, por certo. Um jovem da Figueira da Foz pede Luz para a nossa Juventude. «Dos dois amargurados», 50\$00. De um fabricante de Lanifícios da Covilhã muitos retalhos de fazenda. Que bom! Quem nos dera mais. Duas migalhas de 20, mais duas e outras de 50 e 100.

E fecha com chave de ouro. É um hino à virtude da Perseverança: «Fazem por estes dias 8 anos que a responder a um apelo de Pai Américo começámos com o envio de 50\$ mensais que até hoje e com a ajuda de Deus tem sido possível e nunca foram esquecidos».

Padre Manuel António

África

Os primeiros passos, graças a Deus, foram coroados de êxito. Aos ecos privados de alguns amigos e dos nossos africanistas, junta-se a aceitação oficial da nossa viagem. Interesse; facilidades; portas que se abrem para que vamos e vejamos e estudemos a colocação dos rapazes que estão partidários, mais dos que hão-de ir estando pelo tempo em fora.

Da Beira, o Prata envia esta carta:

«Foi com grande satisfação que recebi as suas tão boas notícias, principalmente no que diz respeito à visita aos portugueses desta Terra. Estou mais certo que tudo vai matar boas saudades, porque embora distante em quilómetros, não existem esquecidos, tudo é igual aos corações daí, os altares são os mesmos. Por tudo a visita é obrigatória. É necessário trazer recados vivos, como diz e muito bem. Aqui existem saudades deles. O Júlio conhece estes caminhos, o Pai Américo ensinou-os, todos os sabemos, a semente que há muito deu frutos. Espero que em breve saberei mais notícias reforçadas, visto que necessito de dar o lamiré em toda a Beira. A pouca gente que sabe ficou alegre com a notícia. Por tudo espero mais e melhores».

Se Deus quiser, no seu pequenino plano de repercussão, a nossa ida será um apertar de laços entre o Portugal de aquém e além-mar.

Anda tanto alvoroço pelo mundo! A mentira a procurar abrigo sob o tecto da Verdade! A mentira a atrever-se, mesmo, à máscara da Verdade! Que muitos, de boa fé, se iludem. E outros de má índole, exploram a ilusão.

A incessante busca de pactos, a que o nosso tempo assiste, é a afirmação mais explícita da mútua desconfiança dos homens entre si.

Ora contra este alvoroço, contra este reinado da mentira nós levamos uma mensagem de fraternidade cristã: O recente sucesso das nossas festas mostra-nos como os homens de boa vontade estão sequiosos por espectáculos de fraternidade, que cada vez parecem mais inéditos.

Não podemos ir em massa junto dos nossos amigos de África. Mas vamos em representação de toda a Família da Obra da Rua. Levamos recordações de Pai Américo, e, sobretudo, levamos a sua mensagem, doutrina que é Doutrina porque não é sua mas d'Aquella que o foi buscar a essa África tão cheia de promessas e o fez recoveiro de Pobres.

Afinal a nossa visita é um pequenino reforço ao fundamento da unidade dos corações, conforme o Prata o diz: «tudo é igual aos corações daí, porque, os altares são os mesmos».

Qual o código mais completo e pacificador que o Evangelho? Pois é o Evangelho toda a nossa bagagem. DEle todos os recados que vamos dar. E só por isso já havia por lá (e por cá), interesse, desejo da nossa visita.

Bem queria poder anunciar já hoje a data da partida. Mas quem aceita tem de sujeitar-se. E nós não podemos pagar a viagem, nem queria abrir aqui uma procissão para ela. Por isso ainda não digo a data; mas espero que Maio não acabe sem que a partida seja.



Chales de Ordins

Foi em 1955 que nasceram os nossos «chales», destinados a cristianizar este povo, dando-lhes meios de subsistência e aproveitando todas as oportunidades, para valorizar e educar, chamando-o às responsabilidades da sua vocação cristã. Tarefa, na verdade, difícil, por vezes desanimadora, a de educar adultos, com seu carácter já definido. Difícil dizer-lhes uma palavra de irmão, quando não há humildade para a escutar.

Também nem sempre é tarefa muito fácil a distribuição de encomendas pelas tecedeiras. Porque nem todas têm os mesmos problemas e necessidade, não é justo que por igual se distribuam. Mas, se procuramos atender, em primeiro lugar, as mais pobres, nem todas as outras o vêem com bons olhos — cada qual julga-se, quase sempre, a mais necessitada — e gera-se um clima de inveja, antipatia, intriga, contra o qual há que lutar.

A construção da Casa de Jesus Misericordioso evidenciou o espírito de sacrifício desta gente, que muito deu em trabalho braçal e com seus carros de bois. Em geral, correspondeu ao chamamento e constituiu exemplo a seguir. Quase pronta, começou já a ser habitada pela Senhora dos Pobres e sua criada, no início do corrente mês.

Como noutros anos, estiveram numa colónia balnear sete crianças de Ordins, esperando-se que, este ano, beneficiem a maior número.

Se a Casa das Tecedeiras foi, e continua ser, casa de tantos amigos, quantos os que têm concorrido com donativos em dinheiro ou materiais de construção, «Férias forçadas em Ordins» abriu o coração de muitos leitores, acorrendo com suas sugestões, entre as quais a dos «novelos», e permitindo que pelas tecedeiras se distribuíssem 16.159\$, um pouco mais que em 1958.

x x x

A Caridade é inventiva e daí «uma Maria», não se conformando que ainda não nos tenha chegado a máquina de tricotar, lembrou-se da campanha dos selos e enviou quatro de 1\$00. «Se cada assinante mandar um selo, seja qual for o seu valor, para este inverno ainda aí teremos a máquina ou máquinas». Estes quatro selos valem muito, pois são de «quem não pode mandar mais».

Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares.

Padre Aires



CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

O QUE RECEBEMOS: — Há dois números que, por via da falta de es-

tra maneira, não. Graças a Deus! Finalmente, mais um cliente da nossa Tipografia — parece que conversaram uns com os outros! — a mandar o excedente do custo do trabalho,

PELAS CASAS DO GAIATO



paço, não publicamos os donativos enviados. Talvez por isso, a precissão diminuiu. Ora os senhores façam favor de espreitar e de não esquecerem os nossos Pobres.

Aqui vai o que temos para acusar recepção: Castelo Branco, 5\$, de uma cliente da nossa Tipografia. Do assinante 26.004, de Amarante, o dobro. Um Sr. Engenheiro apaixonado pelo Calvário segue com 100\$. E 20\$ do assinante 9.989. Dez vezes mais do ou da assinante 4.343. Metade de uma leitora de Lisboa, com estas palavras: «Mando pouco, mas de boa vontade e pena de não ser mais. Sou muito doente e tenho muitas despesas». Esta mensagem valoriza, incomensuravelmente, a importância enviada. Por via destes corações é que o Senhor não falta e marca presença sempre que a gente necessita de quê para socorrer os Pobres. Mais 10\$ entregues no Espelho da Moda. E 50\$00 de Rosa Ramos e Costa, de Lisboa. O costume da assinante 17.022. Abençoada persistência! Dr. Hernani Mendes, do Porto, com 50\$. E outra vez Porto com igual quantia pela mão de António S. Fernandes. Mais um cliente da nossa Tipografia que envia sobras do pagamento de um trabalho executado, 6\$. E agora mais atenção: «Junto 100\$ pelo nascimento do meu 3.º filho ocorrido há dias. Pedindo a Deus que multiplique esta pequenina importância, sou uma assinante e agradeço». Isto só de joelhos e de olhos na Cruz. De ou-

tra maneira, não. Graças a Deus! Finalmente, mais um cliente da nossa Tipografia — parece que conversaram uns com os outros! — a mandar o excedente do custo do trabalho,

Júlio Mendes

LAR DE LISBOA

A caravana do Futebol vai brevemente defrontar os Gaiatos de Setúbal e seguidamente temos que dar uma resposta a outros, a qual eu não a dei logo porque queria avisar os leitores e dizer-lhes que nós não temos chuteiras e também quase não temos dinheiro para as alugar.

Eu tenho vergonha de pedir, mas peço baixinho ao coração de cada um. Mandem-nos por favor alguma coisa para a ajuda das nossas botas. Se houver algum que tenha de ténis, para nós também serve. Usadas que sejam não interessa, o que queremos é qualquer coisa para não parecer mal porque uma equipe ter tudo quanto pertence excepto chuteiras é ridículo.

Ficamos de dar resposta sobre o jogo a realizar a seguir ao de Setúbal com os rapazes do Tojal mas não são os Gaiatos, é com um grupo que tem, por inicial, União... não sei o que mais, ainda não sei bem o nome deles todo completo.

Espero que tenham passado bem as noites da nossa festa em todas as casas de espectáculos nestas três cidades e mais a Vila de Palmela.

Pois no nosso Lar, também há alguns rapazes que têm essa honra de serem (Os bem comportados) e tanto o são que até substituem os chefes em caso de ausência destes.

Pois há bem pouco tempo deu-se uma destas passagens no Lar de Lisboa, em que o chefe teve a habitual Escola, o sub-chefe teve que sair e quem ficou a substituí-lo não foi o tri-chefe, que é por lei o Natalino, mas sim um desses rapazes que se têm portado bem no Lar.

Agostinho Coelho (Lampreia)

PAÇO DE SOUSA

Depois de uns momentos de maré baixa, esperamos chegar ao normal. Não há mal que sempre dure e é preciso encarar as coisas como elas são. A vida e as suas naturais vicissitudes. A sua dureza. As lutas e canseiras. Os sacrifícios. As tristezas e alegrias. Depois da tempestade, quase sempre, vem um dia de sol. Para nós, assim o esperamos e temos de lutar para isso, para que a tempestade não reine, domine sempre.

—Esteve entre nós o popular «Mingós» a quem abraçamos. É um dos grandes amigos. Qualquer dia cá o teremos em casa e não poderão faltar os palhaços elisabets, de categoria internacional. Gostamos muito da festa que deu em Cete e, como nos prometeu, cá os esperamos em breve na nossa casa, para passarmos uma tarde alegre, cheia de vida. Não falte ao prometido, quando não tem de nos ouvir. E nós, quando nos dá para aborrecer...

—O Manuel Pinheiro cá esteve na afinação dos teares e qualquer dia já trabalham como manda a lei. Têm estado parados mas esperamos que tal não aconteça por muito tempo. Para isso é que o Chico e o Zéquita andam a aprender. E o Pinheiro como é Mestre, espera que os seus pupilos não o deixem ficar mal...

—Mais. Os condes da Casa 1, andam todos pelas ruas da amargura. Continuam todos em baixo de forma. É que o tempo também não tem estado muito jeitoso e tem prejudicado um tanto. D. Soares e Silva, continua a sopas. D. Tomaz del Alguidar, com muito sono e D. Borges Lampreia S. Arroz, anda a dar água sem caneco.

POBREZA SACERDOTAL

«Uma confissão: Tenho sido um descuidado para com a Obra da Rua.

Tenho, sim senhor!

Os muitos sofrimentos destes primeiros anos de Sacerdócio, muito poderiam ter sido aliviados se mais me tivesse lembrado de vós.

Agora fui nomeado Pároco. Duas freguesias grandes com cerca de 4.000 habitantes cada. Vinha um Padre, quando vinha, uma vez por mês! Não era nada! Até para dizer Missa vou para o Altar com tudo emprestado.

Por onde começar?! Por aqui: Dê ordens para que me enviem o «Gaiato», para aqui, para A.. Há-de ser o meu coadjutor, tenho a certeza. Junto cem dele para o jornal. Agradecido, peço as suas orações».

Daniel

Cantinho DOS RAPAZES

De uma carta, de Barcelos, 23 de Fevereiro de 1960:

«Aprecio muito o bom porte de um «gaiato» e por isso quero dizer-vos quanto me impressionou agradavelmente a forma como vi há poucos dias num comboio da linha do Estoril entrar um dos vossos irmãos a apregoar o Famoso; parecia a princípio que não haveria compradores mas graças a uma leve e discreta insistência do nosso homem as bolsas começaram a abrir-se e alguns exemplares passaram para as mãos dos viajantes. Em cada caso o vosso vendedor soube dizer um bem sonante «muito obrigado» o que bem contrasta com o mutismo de muitos senhores em circunstâncias idênticas.

Termino exprimindo o meu desejo veemente de que sempre saibam cuidar das boas maneiras que representam quase sempre a chave para se entrar em todos os meios e, o que é mais, exprimem um carácter bom».

Não sei quem é o vendedor do Tojal a que este assinante se refere. Seja quem for, tome lá um grande abraço!

Desde a hora em que o Cândido lançou a Campanha da Delicadeza, eu estimei-a muito. Não só — nem tanto! — pelos frutos imediatamente colhidos no convívio; mas, principalmente, pelo que a delicadeza tem de operante na formação do carácter.

Se é descabida em vós uma polidez palaciana, não briga com a espontaneidade a presença de «boas maneiras», que representam quase sempre «a chave para se entrar em todos os meios e, o que é mais, exprimem um carácter bom». Nem com a espontaneidade, nem com a familiaridade que reina em nossas casas e tanto encanta quem nos conhece, como confessava agradavelmente admirado um ministro que uma vez nos visitou: «Os rapazes continuam o seu trabalho. Não nos ligam nenhuma». Até aqui é a sinceridade do nosso teor de vida a exteriorizar-se em simplicidade. Não é indiferença pelas pessoas. Tampouco falta de respeito.

Mas também acontece que às vezes, há uma certa rudeza, que tal significa. Mais. Que manifesta soberba, uma tola soberba, como se tudo nos fosse devido e todos nos desvessem. É aqui, sobretudo, que reside o grande perigo deformante da indelicadeza.

Ora para tal evitar, não há como treinarmo-nos frequentemente, junto daqueles com quem convivemos mais de perto.

Mesmo entre vós, que boa escola não tendes à mão, se os mais velhos exigirem dos mais novos respeito, exactamente da mesma espécie do que lhes prestam! E que dizer da oportunidade, tanta vez experimentada por vós, de relações sociais com pessoas mais velhas e de outra posição?!

Tão simples a arma da vitória deste nosso do Tojal! «Uma leve e discreta insistência»... e «um bem sonante muito obrigado»!

Por amor da verdade, eu devo dizer a este senhor o nosso grande desejo de que a boa impressão que ele refere, seja regra a respeito de todos vós.

Tribuna

— Vem da página um —

contro a mãe de sete filhos pequeninos. Vinha abafada de amargura. Tinha de ir pela quarta vez ao Instituto de Oncologia de Lisboa. Ai, Sr. Padre! Ai que há-de ser dos meus queridos filhinhos! Vou deixá-los e não sei se volto mais. Sinto-me tão mal! Deixo-os assim sôzinhos, tão pequeninos. E parece que abafava. Ai que deixam cá tanta falta as Criadinhas dos Pobres!

Que grande queixa e que grande verdade saiu daquele coração de mãe a rebentar de amargura! Sempre pensei que os Pobres não iriam para ali sem as Criaditas dos Pobres, mas as casas estavam prontas e não pudemos esperar mais. Mas deixam ali tanta falta!

Durante o dia são bandos de crianças. Mais de setenta. A maior parte das mães têm de vir à cidade.

Hoje domingo voltei lá ao meio dia. Foi um dia de verão, depois deste tormentoso inverno. Logo no primeiro grupo de casas alguns pais e mães me esperavam. As suas primeiras palavras foram de alívio para o meu cansaço: o Sr. Padre trouxe-nos para o Céu. Isto é o Céu.

Já não quis ouvir mais nada. Guardei e pedi a Deus que assim seja. Que se alegrem todos os que ajudam a levar os Pobres para o Céu, dando-lhes uma casa e o amor de irmãos.

Padre Horácio